

## RESUMO - PESQUISA ORIGINAL

### **ANSIEDADE AUTOPERCEBIDA E SEUS EFEITOS NA APRENDIZAGEM E DESEMPENHO EM AVALIAÇÕES POR SIMULAÇÃO CLÍNICA**

*Breno De Sousa Santana (bresousas@outlook.com)*

*Luiz Eduardo Medeiros Sales (eduardomedeiros.sales@gmail.com)*

*Marcia Cristina Da Silva Magro (marciamagro@unb.br)*

Introdução: Estudantes em estágio supervisionado (ES) enfrentam elevada carga cognitiva e emocional decorrente da exposição simultânea a práticas assistenciais, acadêmicas e avaliativas. O uso da simulação clínica para avaliação somativa durante o ES parece intensificar respostas de ansiedade, interferindo potencialmente no desempenho e na aprendizagem dos estudantes<sup>1</sup>. Embora características do design da simulação possam influenciar respostas emocionais e autoconfiança discente<sup>2,3</sup>, ainda são limitadas as investigações que examinam simultaneamente desempenho prático, aquisição de aprendizagem e motivação acadêmica. Objetivo: Examinar como a ansiedade autopercebida afeta o desempenho prático, as percepções de aprendizagem e a motivação acadêmica durante uma avaliação por simulação clínica. Método: Estudo transversal analítico, conduzido em uma instituição de ensino superior privada do Distrito Federal, Brasil. Participaram 185 estudantes do ES do curso de enfermagem que realizaram uma avaliação prática estruturada em simulação clínica de exame físico. A ansiedade foi classificada pelo subescore da escala Depression, Anxiety and Stress Scale (DASS-21). Foram utilizados o Questionário de Práticas Educativas, a Escala de Ganhos Percebidos com a Simulação de Alta Fidelidade, a Escala de

Motivação Acadêmica e um checklist estruturado para avaliação do desempenho prático (pontuação: zero a 100 pontos). Aplicaram-se os testes de Kolmogorov-Smirnov, Mann-Whitney e Qui-quadrado, adotando-se nível de significância de 5%. O estudo foi aprovado por Comitê de Ética em Pesquisa (Parecer nº 5.677.275 e CAAE nº 55509622.9.3001.5650). Resultados: Entre os participantes, 46% (n = 85) apresentaram ansiedade autopercebida. Não foram observadas diferenças significativas entre estudantes com e sem ansiedade quanto ao desempenho prático na simulação [76,00 (63,00-88,00) vs. 70,00 (64,00-85,00)] ( $p = 0,145$ ;  $r = 0,107$ ), aos ganhos percebidos com a simulação [4,00 (3,00-4,00) vs. 4,00 (3,00-4,00)] ( $p = 0,322$ ;  $r = 0,073$ ) ou às percepções [4,38 (3,88-4,75) vs. 4,25 (3,75-4,56)] ( $p = 0,106$ ;  $r = 0,119$ ) e importância [4,60 (4,13-4,94) vs. 4,44 (4,06-4,75)] ( $p = 0,077$ ;  $r = 0,130$ ) dada às práticas educativas. Entretanto, estudantes com ansiedade apresentaram menor regulação identificada ( $p=0,002$ ;  $r=0,230$ ) e maior regulação externa ( $p=0,022$ ;  $r=0,168$ ), indicando padrão motivacional menos autodeterminado. Conclusão: A ansiedade autopercebida não afetou o desempenho prático nem as percepções de aprendizagem durante a avaliação por simulação clínica. Contudo, associou-se a formas mais controladas de motivação acadêmica, sugerindo que fatores emocionais podem influenciar a qualidade do engajamento discente no processo de aprendizagem. Ambientes de simulação bem estruturados podem mitigar os efeitos da ansiedade sobre o desempenho, reforçando a importância de estratégias pedagógicas que promovam segurança psicológica e apoio emocional aos estudantes.

Palavras-chave: treinamento por simulação; ansiedade; educação em enfermagem.